

Amigos (*Luis Fernando Veríssimo*)

Os dois eram grandes amigos. Amigos de infância. Amigos de adolescência. Amigos de primeiras aventuras. Amigos de se verem todos os dias. Até mais ou menos os vinte e cinco anos. Aí, por uma destas coisas da vida- e como a vida tem coisas!-, passaram muitos anos sem se ver. Até que um dia. Um dia se cruzaram na rua. Um ia numa direção, o outro na outra. Os dois se olharam, caminharam mais alguns passos e se viraram ao mesmo tempo, como se fosse coreografado. Tinham-se reconhecidos.

-Eu não acredito!

-Não pode ser!

Caíram um nos braços do outro. Foi um abraço demorado e emocionado.

Deram-se tantos tapas nas costas quantos tinham sido os anos de separação.

-Deixa eu te ver!

-Estamos aí.

-Mas você está careca!

-Pois é.

-E aquele bom cabelo?

-Se foi...

-Aquele cabeleira.

-Muito Gumex...

-Fazia um sucesso.

-Pois é.

-Puxa. Deixa eu ver atrás.

Ele se virou para mostrar a careca atrás. O outro exclamou:

-Completamente careca!

-E você?

-Espera aí. O cabelo está todo aqui. Um pouco grisalho, mas firme.

-E essa barriga?

-O que é que eu vou fazer?

-Boa vida...

-Mais ou menos...

-Uma senhora barriga...

-Nem tanto.

-Aposto que futebol, com essa barriga.

-Nunca mais.

-E você era bom, hein? Um boião.

-O que é isso!

-Agora tá com a bola na barriga.

-Você também.

-Barriga, eu?

-Quase do tamanho da minha.

-O que é isso?

-Respeitável.

-Quem te dera um corpo como o meu.

-Mas eu estou com todo o cabelo.

-Estou vendo umas entradas aí.

-O seu só teve saída.

Ele se dobra de rir da própria piada. O outro muda de assunto.

-Faz o quê? Vinte anos?

-Vinte e cinco. No mínimo.

-Você mudou um bocado.

-Você também.

-Você acha?

-Careca...

-De novo a careca? Mas é fixação.

-Desculpe, eu...

-Esquece a minha careca.

-Não sabia que você tinha complexo.

-Não tenho complexo. Mas não precisa ficar falando só na careca, só na careca. Eu estou falando nessa barriga indecente? Nessas rugas?

-Que rugas?

-Ora, que rugas.

-Não. Que rugas?

-Meu Deus, sua cara está que é um cotovelo.

-Espera um pouquinho...

-E essa barriga? Você não se cuida, não?

-Me cuido mais que você.

-Eu faço ginástica, meu caro. Corro todos os dias. Tenho uma saúde de cavalo.

-É. Só falta a crina.

-Pelo menos não tenho barriga de baiana.

-E isso o que é?

-Não me cutuca.

-Me diz. O que é? Enchimento?

-Não me cutuca!

-E esses óculos são pra quê? Vista cansada? Eu não uso óculos.

-É por isso que está vendo barriga onde não tem.

-Claro, claro. Vai ver você tem cabelo e eu é que não estou enxergando.

-Cabelo outra vez! Mas isso já é obsessão. Eu, se fosse você, procurava um médico.

-Vá você, que está precisando. Se bem que velhice não tem cura.

-Quem é que é velho?

-Ora, faça-me o favor.

-Velho é você.

-Você.

-Você.

-Você!

-Ruína humana.

-Ruína, não.

-Ruína!

-Múmia!

-Ah, é? Ah, é?

-Cacareco! Ou será cacareca?

-Saia da minha frente!

Separaram-se, furiosos. Inimigos para o resto da vida.

Um telefone toca num fim de tarde, começo de noite . . .

* Alô?

* Pronto.

Ele: - Voz estranha... Gripada?

Ela: - Faringite.

Ele: - Deve ser o sereno. No mínimo tá saindo todas as noites pra badalar.

Ela: - E se estivesse? Algum problema?

Ele: - Não, imagina! Agora, você é uma mulher livre.

Ela: - E você? Sua voz também está diferente. Faringite?

Ele: - Constipado.

Ela: - Constipado? Você nunca usou esta palavra na vida.

Ele: - A gente aprende.

Ela: - Tá vendo? A separação serviu para alguma coisa.

Ele: - Viver sozinho é bom. A gente cresce.

Ela: - Você sempre viveu sozinho. Até quando casado só fez o que quis.

Ele: - Maldade sua, pois deixei de lado várias coisas quando a gente se casou.

Ela: - Evidente! Só faltava você continuar rebolando nas discotecas com as amigas.

Ele: - Já você não abriu mão de nada. Não deixou de ver novela, passear no shopping, comprar jóias, conversar ao telefone com as amigas durante horas.

. . . Silêncio . . .

Ela: - Comprar jóias? De onde você tirou essa idéia? A única coisa que comprei em quinze anos de casamento foi um par de brincos.

Ele: - Quinze anos? Pensei que fosse bem menos.

Ela: - A memória dos homens é um caso de polícia!

Ele: - Mas conversar com as amigas no telefone ...

Ela: - Solidão, meu caro, cansaço ... Trabalhar fora, cuidar das crianças e ainda preparar o jantar para o HERÓI que chega à noite... Convenhamos, não chega a ser uma roda-gigante de emoções ...

Ele: - Você nunca reclamou disso.

Ela: - E você me perguntou alguma vez?

Ele: - Lá vem você de novo... As poucas coisas que eu achava que estavam certas... Isso também era errado!?

Ela: - Evidente, a gente não conversava nunca ...

Ele: - Faltou diálogo, é isso? Na hora, ninguém fala nada. Aparece um impasse e as mulheres não reclamam. Depois, dizem que Faltou diálogo.

As mulheres são de Marte !

Ela: - E vocês são de Saturno!

. . . Silêncio . . .

Ele: - E aí, como vai a vida?

Ela: - Nunca estive tão bem. Livre para pensar, ninguém pra Me dizer o que devo fazer ...

Ele: - E isso é bom?

Ela: - Pense o que quiser, mas quinze anos de jornada são de enlouquecer qualquer uma.

Ele: - Eu nunca fui autoritário!

Ela: - Também nunca foi compreensivo!

Ele: - Jamais dei a entender que era perfeito. Tenho minhas limitações como qualquer mortal ...

Ela: - Limitado e omissos como qualquer mortal.

Ele: - Você nunca foi irônica.

Ela: - Isso a gente aprende também.

Ele: - Eu sempre te apoiei.

Ela: - Lógico. Se não me engano foi no segundo mês de casamento que você lavou a única louça da tua vida. Um apoio inestimável ... Sinceramente, eu não sei o que faria sem você? Ou você acha que fazer vinte caipirinhas numa tarde para um bando de marmanjos que assistem ao jogo da Copa do Mundo era realmente o meu grande objetivo na vida ?

Ele: - Do que você está falando?

Ela: - Ah, não lembra?

Ele: - Ana, eu detesto futebol.

Ela: - Ana!? Esqueceu meu nome também? Alexandre, você ficou louco?

Ele: - Alexandre? Meu nome é Ronaldo!

. . . Silêncio . . .

Ele: - De onde está falando?

Ela: - 2578 9922

Ele: - Não é o 2578 9222?

Ela: - Não.

Ele: - Ah, desculpe, foi engano.

Depois de um tempo ambos caem na gargalhada.

Ele: Quer dizer que você faz uma ótima caipirinha, hein?

Ela: - Modéstia à parte... Mas não gosto, prefiro vinho tinto.

Ele: - Mesmo? Vinho é a minha bebida preferida!

Ela: - E detesta futebol?

Ele: - Deus me livre... 22 caras correndo atrás de uma bola... Acho ridículo!

Ela: - Bem, você me dá licença, mas eu vou preparar o jantar.

Ele: - Que pena... O meu já está pronto. Risoto, minha especialidade!

Ela: - Mentira! É o meu prato predileto...

Ele: - Mesmo! Bem, a porção dá pra dois, e estou abrindo um Chianti também.

Você não gostaria de...

Ela: - Adoraria!

Ele dá o endereço.

PAPOS

“- Me disseram...

- Disseram-me

- Hein?

- O correto é ‘disseram-me’. Não ‘me disseram’.

- Eu falo como quero. E ti digo mais... Ou ‘digo-te’?

- O quê?

- Digo-te que você...

- O ‘te’ e o ‘você’ não combinam.

- Lhe digo?

- Também não. O que você ia me dizer?

- Que você ta sendo grosseiro, pedante e chato. E que vou ti partir a cara. Lhe partir a cara. Partir a sua cara. Como é que se diz?

- Partir-te a cara.

- Pois é. Partir-la hei de, se você não parar de me corrigir. Ou corrigir-me.

- É para o seu bem.

- Dispensó as suas correções. Vê se esquece- me. Falo como bem entender. Mas uma correção e eu...

- O quê?

- O mato.

- Que mato?

- Mato-o. Mato-lhe. Matar- lhe- ei- te. Ouviu bem?

- Eu só estava querendo...

- Pois esqueça- o e pára- te. Pronome no lugar certo é para elitismo.

- Se você prefere falar errado...

- Falo como todo mundo fala. O importante é me entenderem. Ou entenderem-me?
- No caso... Não sei.
- Ah, não sabes? Não o sabes? Sabes-lo não?
- Esquece.
- Não. Como 'esquece' ou 'esqueça'? Ilumine-me. Mo diga. Ensines-lo-me, Vamos.
- Depende.
- Depende. Perfeito. Não o sabes. Ensinar-me-lo-ias se o soubesse, mas não sabes-o.
- Está bem, está bem. Desculpe. Fale como quiser.
- Agradeço-lhe a permissão para falar errado que me dás. Mas não posso mais dizer-lo-te o que dizer-te-eia.
- Por quê?
- Porque, como todo esse papo, esqueci-lo."